

Trilha antirracista no ambiente escolar: uma perspectiva estatística

Juliana da Cruz Prado^{1†}, Marcelo Rodrigues Conceição²

¹ Universidade Federal de Alfenas; Instituto de Ciências Exatas; Curso de Especialização em Educação Matemática na Contemporaneidade; Alfenas – MG, Brasil.

² Universidade Federal de Alfenas; Instituto de Ciências Humanas e Letras; Alfenas – MG, Brasil.

Resumo: A estatística é um instrumento importante na construção de indicadores sociais. Por sua vez, os indicadores sociais são dados que apontam e elucidam fenômenos de diversas naturezas inclusive raciais. A trilha antirracista é uma abordagem proposta pelo governo do estado de São Paulo na educação, onde se faz necessário trabalhar o tema e propor formações no ambiente e com a comunidade escolar. Nesse sentido, o trabalho se refere a uma ação realizada em uma escola pública, sobre racismo, em que foi aplicado um questionário para estudantes, alunos e profissionais da gestão, debatendo o tema e gerando dados que ilustraram algumas faces sobre a percepção racial dentro da escola. A abordagem foi de caráter quantitativo e qualitativo se apropriando de dados e dos conceitos teóricos acerca de questões em torno do racismo buscando uma compreensão mais completa e integrada com a realidade, destacando por exemplo que a maior parte dos participantes não se consideram racista, ainda que a maior parte já tenha presenciado situações racistas na escola e que a maioria também já defendeu alguém que estava sofrendo essa situação no ambiente escolar.

Palavras-chave: racismo; estatística; escola; trilha.

Anti-racism trail in the school environment: a statistical perspective

Abstract: The statistics is an important instrument in the construction of social indicators. In turn, social indicators are data that point out and elucidate issues of diverse racial and inclusive natures. The anti-racist path is an approach proposed by the government of the state of São Paulo in education, where it is necessary to work on the topic and propose training in the environment and with the school community. In this sense, the work refers to an action carried out in a public school, about racism, in which a questionnaire was applied to students, students and management professionals, debating the topic and generating data that illustrated some aspects of racial perception within the school. The approach was of a quantitative and qualitative nature, appropriating data and theoretical concepts on issues surrounding racism, seeking a more complete and integrated understanding with reality, highlighting for example that the majority of participants do not consider themselves racist, even though Most have witnessed racist situations at school and most have also defended someone who suffered this situation in the school environment.

Keywords: racism; statistics; school; trail.

[†] Autor correspondente: julianacruz.prado@sou.unifal-mg.edu.br

Manuscrito recebido em: 22/08/2024

Manuscrito revisado em: 07/11/2024

Manuscrito aceito em: 07/11/2024

Introdução

A escola do século XXI, de acordo com Njeri (2019), vem passando por necessidades de se repensar as estruturas tradicionais. Já que a escola formata divisões sociais, econômicas e sociais, moldando a forma de perceber a realidade.

O ambiente escolar reforça valores ocidentais, em que culturas como a afrocentricidade é apagada, sendo inserida apenas a lógica e a dinâmica dominante. Exercer práticas pedagógicas que permitam pensar em outras formas de construir o conhecimento é contribuir com a luta antirracista (NJERI, 2019).

Para Viana (2022), as escolas públicas têm vários desafios no combate contra o racismo, concentrando a maior parte de pessoas afrodescendentes. O currículo escolar é um dos passos para que esse debate ocorra, pensando nos espaços escolares, na relação da unidade escolar, alunos e funcionários. Propondo rodas de conversas, onde os professores e alunos buscam entender como se percebem a negritude, a origem da sua família e como compreende a questão racial no país.

De acordo com Viana (2022, p. 3):

A preocupação começa desde a formação dos educadores, para que eles conheçam a história da sociedade brasileira e da marginalização do povo negro e pobre, a participação nas lutas históricas, nas conquistas sociais, nas manifestações artísticas, culturais, desportivas e políticas bem como na geração de riquezas do país no campo e nos centros urbanos.

É necessário que haja modificações na formação de professores, integrando assuntos que abordem sobre a História da África e Africanidades brasileiras, assim como, disponibilizando materiais e orientações sobre o tema para que se reformule novas metodologias de ensino (VIANA, 2022).

De acordo com Fernandes e Gomes (2014), a lei 10.639/03 estabelece a obrigatoriedade do ensino sobre História e Africanidades brasileiras na educação básica. Refletindo como que pode ser trabalhado a diversidade na educação básica e como os educadores estão aplicando essas abordagens e adaptando o currículo.

Fernandes e Gomes (2014, p. 10) também expressa que:

A lei 10.639/03 foi um marco referencial para legitimar na educação, toda a luta da comunidade negra, mas não tem eficácia por si só, pois, se faz necessário uma participação de todos os agentes sociais envolvidos diretamente: discentes, docentes e comunidades. A própria BNCC também trouxe uma nova metodologia de enxergar os objetos de estudo e garantir uma flexibilização nas formas de analisar, conhecer e se interagir com temas ligados à sociedade, partindo de sua diversidade e dos seus aspectos que englobam a cultura do educando, a fim incentivar a prática da investigação social a partir do cotidiano.

Para Viana (2022), a escola deve ser um ambiente dialógico, onde os estudantes devem compartilhar suas vivências e os professores que anulam a existência do racismo, a importância do sistema de cotas, possam reformular e reconstruir novos conhecimentos.

A educação antirracista é uma abordagem que pode transformar as percepções históricas para os próximos anos, passando pela valorização do povo negro em diversos espaços, construindo novas práticas sociais que causem mudanças e construção para uma nova realidade (VIANA, 2022). Muitas pesquisas e discussões elucidam sobre as dificuldades e desafios de estudantes negros nas

escolas públicas, como a dificuldade em se ter mecanismos que combatam o preconceito, as limitações da grade curricular e as próprias questões de classes (VALENTE, 1995).

Na Base Nacional Comum Curricular, por exemplo, aponta que os sistemas e redes de ensino, devem abordar temas que afetam a dinâmica da vida humana e da sociedade, destacando como um dos cenários educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena (BRASIL, 2018, p. 19).

Segundo Valente (1995), é de extrema importância propostas que possam trabalhar e inculcar o tema não apenas com as crianças, mas com os educadores e as famílias. Destacando ainda que na pré-escola, o professor tem um papel preponderante na vida delas.

No Brasil, sabe-se que as políticas de educação brasileira no tocante do tema sobre questões raciais vem sendo ineficientes em lidar com os atravessamentos da desigualdade racial e a permanência e a aprendizagem de crianças e adolescentes negras nas escolas (CARVALHO; FRANÇA, 2019).

É necessário que as escolas desenvolvam seu papel social no combate ao racismo, se apropriando dos mecanismos disponíveis no cenário educacional para essas práticas, executando atividades que possam se tornar ações concretas no combate ao preconceito racial dentro das escolas (CARVALHO; FRANÇA, 2019).

A escola, segundo Moreira e Almeida (2014), é um lugar para debates de temas sociais, é um local plural e democrático que precisa confrontar qualquer tipo de discriminação, inclusive no cerne da desigualdade racial.

Nesse aspecto, é importante realizar pesquisas que abordem o assunto para que se possa mapear e identificar os desafios e os embates para que seja possível a promoção de atividades e abordagens que trabalhem a questão da desigualdade racial nas escolas (MOREIRA; ALMEIDA, 2014).

Na formação clássica do professor, em termos de graduação, não é abordado as questões sobre raça e propostas em relação às ferramentas que possam orientar os professores a lidarem com tanta diversidade dentro da escola e sala de aulas (MOREIRA; ALMEIDA, 2014).

Inerente a esses elementos, de acordo com Moreira e Almeida (2014), a ausência dessas formações, outros fatores também atravessam o tema como o branqueamento expresso nos livros didáticos reforçando os estereótipos, estigmas e o preconceito racial. Sendo necessário que o professor utilize de forma crítica esses materiais.

Há diversas propostas e atividades que podem auxiliar os professores e todo ambiente escolar a trabalhar dentro das escolas de forma crítica e reflexiva sobre a desigualdade racial como por exemplo: divulgar informações sobre a miscigenação do Brasil; criar grupos de discussões; discutir textos que falem sobre o assunto e entre outros instrumentos (MOREIRA; ALMEIDA, 2014).

Estatística como instrumento de estudo para questões raciais

É perceptível a importância da estatística no cotidiano das pessoas e para as instituições. Considerando que os indivíduos devem se apropriar desse instrumento para que possa se integrar na sociedade de forma geral (FERNANDES, 2009).

No processo de aprendizagem estatística, de acordo com Fernandes (2009), é de muita importância que se considere os desafios dos alunos, considerando a formação do conhecimento e as limitações de cada um. Ao longo das reformulações curriculares, a educação estatística foi considerada cada vez mais significativa nas escolas. Sendo importante uma formação sólida dos professores para que o processo de ensino-aprendizagem possa ser efetivo (FERNANDES, 2009).

Instrumentos para mensurar âmbitos como qualidade de vida, desenvolvimento social, econômico e político, vem se tornando essencial para a população em geral e para os governos. Os indicadores ilustram diversos aspectos da sociedade e fenômenos sociais, ainda que necessite de outras formas analíticas devido às complexidades (SOLIGO, 2012).

Soligo (2012, p. 16), elucida que:

Os indicadores empregados para medição dos fenômenos sociais são conhecidos por “indicadores sociais” ou “indicadores socioeconômicos”, que, por sua vez, incluem os indicadores educacionais. Os indicadores quantitativos englobam todas as formas de medição dos fenômenos estudados pelas diversas ciências praticadas pelo homem.

Esses dados, segundo Soligo (2012), permitem que a população como um todo, tenham informações sobre as mudanças de aspectos da sociedade como: questões sociais, como distribuição de renda, miséria, mortalidade infantil, criminalidade, qualidade da educação e entre outras abordagens.

Para compreender as questões sobre desigualdade social frente a educação brasileira é preciso colocar em debate os dados sobre cor ou raça, que auxiliam a refletir sobre as diferenças, assim classificados, entre as pessoas brancas, negras, amarelas e indígenas no país (SENKEVICS; MACHADO; OLIVEIRA, 2016)

No cenário educacional, segundo Senkevics, Machado e Oliveira (2016), a produção de dados sobre cor e raça, que são cada vez mais precisas, contribuem para o mapeamento e formulação de propostas para políticas públicas que combatam as desigualdades.

Senkevics, Machado e Oliveira (2016, p. 8), expressa que:

‘Racializar’ as estatísticas educacionais é uma tarefa que se justifica à luz de uma determinada perspectiva teórico-conceitual, interessada em visibilizar disparidades, sustentar determinadas análises e propor estratégias de superação dos desafios encontrados. Também se faz necessário contextualizar o sistema de classificação racial no Brasil, de modo a reconstruir, de forma sintética [...]

Entre as maiores economias mundiais está o Brasil, que foi considerado por muito tempo o país da democracia racial. Contudo é perceptível os elementos de desigualdade racial que agrava a sociedade brasileira (HERINGER, 2002).

Organizar de forma sistêmica os indicadores e dados sobre questões raciais, nos permite identificar, por exemplo, as ações elaboradas pelo Estado e da própria sociedade civil (HERINGER, 2002).

De forma geral, de acordo com Heringer (2002), a baixa taxa de escolaridade escolar é um elemento predominante na sociedade brasileira, destacando um fator de que na média, os brancos têm mais tempo de estudos do que os negros, apresentando uma desigualdade educacional entre os dois grupos.

A estatística é um instrumento que pode auxiliar no combate e na reflexão crítica sobre o racismo e as desigualdades raciais não apenas no ambiente escolar, mas na sociedade como um todo.

Intervenção pedagógica

A atividade foi realizada em uma escola pública na região da grande São Paulo, no estado de São Paulo. Teve como objetivo propor reflexões para o ambiente escolar acerca do racismo, considerando vivências e experiência dos estudantes, professores, gestão escolar e os funcionários terceirizados. Foi aplicado para os estudantes de anos finais, Fundamental II, 6º, 7º, 8º e 9º ano, professores de todas as disciplinas do período manhã, coordenadores pedagógicos, vice direção e direção e funcionários terceirizados da escola.

A abordagem ocorreu em 3 fases: aplicação de um questionário com 5 perguntas; análise dos dados levantados e a apresentação dos resultados para a equipe pedagógica e gestora.

O levantamento de dados correspondeu a aplicação de um questionário com 5 perguntas de caráter subjetivos, mas com respostas objetivas, referente as percepções que cada pessoa tem em relação ao tema exposto. A amostra foi de 271. Sendo um questionário objetivo correspondentes a “Sim” ou “Não” e com aplicações para estudantes do ensino fundamental II, professores do período da manhã, profissionais da gestão e funcionários terceirizados.

Table 1: Administered Questionnaire

| | SIM | NÃO | INCONCLUSIVO |
|--|-----|-----|--------------|
| Você sabe o que é racismo? | 264 | 7 | |
| Você já sofreu ou conhece alguém que já passou isso? | 194 | 77 | |
| Você já foi racista? | 9 | 260 | 2 |
| Você já presenciou uma situação de racismo nessa escola? | 228 | 38 | 5 |
| Você já defendeu alguém que estava sofrendo racismo? | 226 | 45 | |

Source: from the authors (2024).

A análise de dados ocorreu após recolhida as informações, onde foi gerado informações estatísticas em cima das respostas dadas.

Table 2: Administered Questionnaire Transformed into Statistical Data.

| | SIM | NÃO | INCONCLUSIVO |
|--|------------|------------|--------------|
| Você sabe o que é racismo? | 97,4 % | 2,6% | |
| Você já sofreu ou conhece alguém que já passou isso? | 71,5 % | 28,5 % | |
| Você já foi racista? | 3,3% | 96% | 0,73% |
| Você já presenciou uma situação de racismo nessa escola? | 84,13 % | 14% | 1,85% |
| Você já defendeu alguém que estava sofrendo racismo? | 83,39 % | 16,61 % | |

Source: from the authors (2024).

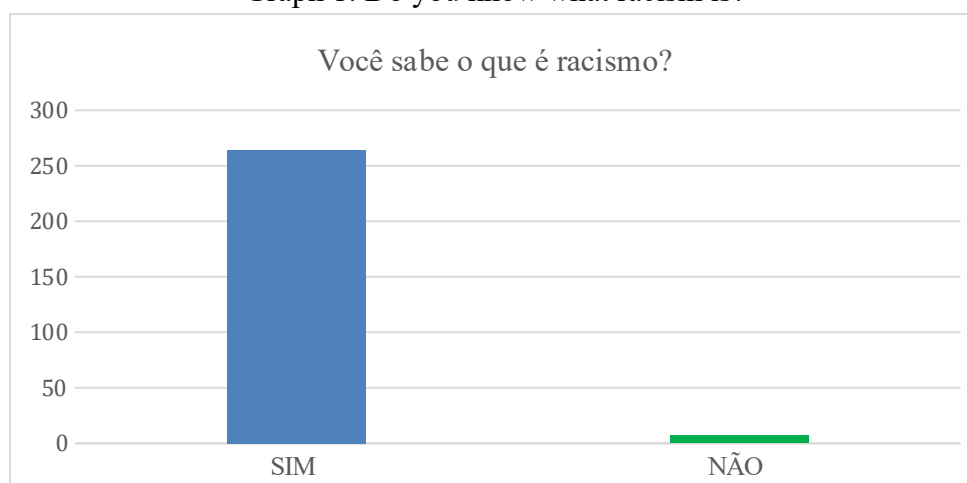
A exposição dos resultados foi a apresentação dos dados, conclusões e percepções encontradas no processo de aplicação da atividade, para a equipe pedagógica e equipe gestora, a fim de, trazer reflexões sobre o tema buscando reconstruir significados e novas práticas pedagógicas.

Resultados e discussões

Os gráficos foram gerados a partir dos dados levantados com a aplicação dos questionários.

No gráfico abaixo, foi possível perceber que 97,4% das pessoas que responderam o questionário sabem o que é racismo, seguido por 2,6% que não sabem o que é.

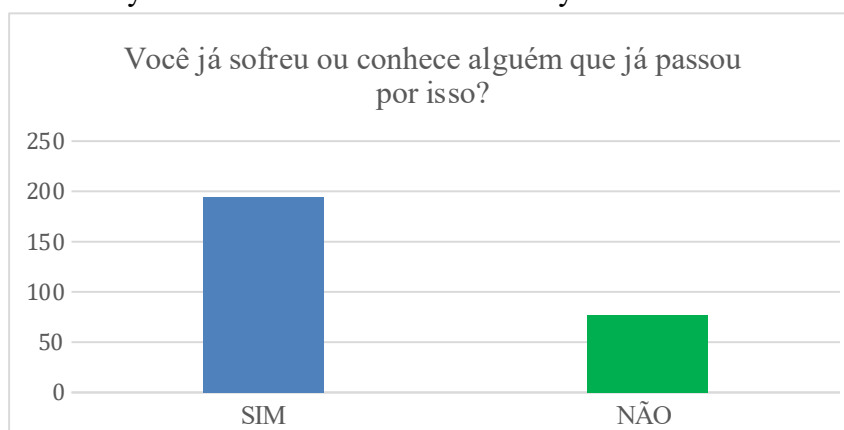
Graph 1: Do you know what racism is?



Source: from the authors (2024).

No gráfico 2, foi representado que 71,5% já sofreu racismo ou conhece alguém que tenha passado por isso e 28,5% não sofreu e nem conhece alguém.

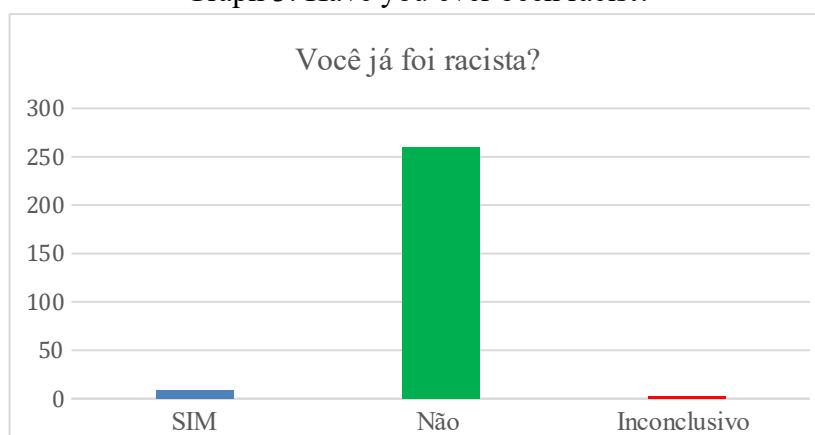
Graph 2: Have you ever suffered from this or do you know someone who has?



Source: from the authors (2024).

A seguir, pode ser analisado que apenas 3,3% reconhecem que já foram racistas, seguidos por 96% que consideram nunca terem sido racista e 0,73% das respostas não foram possíveis considerar.

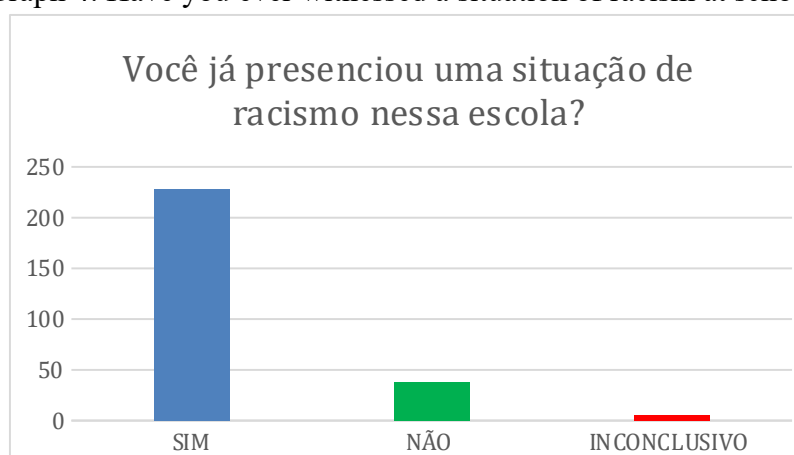
Graph 3: Have you ever been racist?



Source: from the authors (2024).

Já no gráfico 4 sobre presenciar uma situação racista na escola, 84,13% afirmaram já terem presenciado, 14% nunca presenciou e 1,85% das respostas não puderam ser analisadas.

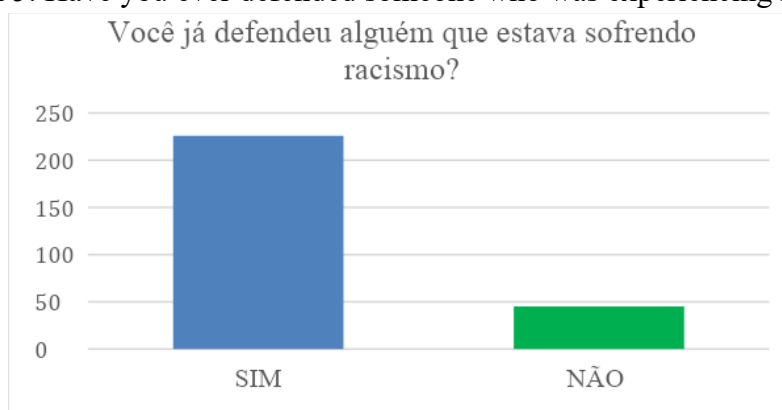
Graph 4: Have you ever witnessed a situation of racism at school?



Source: from the authors (2024).

No último gráfico os dados apontaram que 83,39% já presenciou alguma situação de racismo na escola e 16,61% nunca presenciou nem um ocorrido.

Graph 5: Have you ever defended someone who was experiencing racism?



Source: from the authors (2024).

Com essas informações é possível compreender que a escola é um local onde também acontece situação de desigualdade racial. A maioria das pessoas afirma nunca terem sido racistas ao passo que a grande parte já presenciou uma situação no ambiente escolar.

Considerações finais

O governo do estado de São Paulo (2021, 2021a) tendo como referência a base nacional comum curricular, traz o projeto de trilha antirracista, através da plataforma EFAPE (Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação do Estado de São Paulo), como forma de trabalhar o tema dentro do ambiente escolar de forma transversal, proporcionando formações para professores, coordenadores e gestores, assim como, propostas de atividades para realizar com os estudantes.

A proposta sobre o projeto da trilha antirracista do governo do estado de São Paulo, sobretudo, propõe reflexões sobre representações negras, desafios no meio social e seus desdobramentos, não apenas para os estudantes do ensino fundamental II e ensino médio, mas para os professores também, como indica a matéria da Secretária de Educação de São Paulo.

A matemática também é um instrumento de interpretar a vida, podendo contribuir para a construção do senso crítico e para a reflexão de conflitos sociais. Nesse sentido, ao propor um questionário que todos da escola responderam, foi realizada uma provocação que pode ser analisada posteriormente em forma estatística.

Os dados mostraram que a maior parte das pessoas no ambiente escolar não se consideram racistas, embora, ao mesmo tempo a maioria já tenha presenciado uma situação racista dentro da escola.

A pesquisa foi realizada como uma proposta de intervenção pedagógica para abordar o tema sobre o racismo na escola, possibilitando repensar sobre esses elementos não apenas para os estudantes, mas para os professores e os demais funcionários da escola como os gestores e os funcionários terceirizados.

Elucidando que a matemática com a abordagem estatística pode contribuir com uma análise crítica refletindo sobre os fenômenos sociais e seus desdobramentos na sociedade, assim como seu reflexo no ambiente escolar.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 12/09/2024.

CARVALHO, D.M.S; FRANÇA, D.X. Estratégias de enfrentamento do racismo na escola: uma revisão integrativa. *Revista Educação & Formação*, v. 4, n. 3, set./out. p. 148-168, 2019. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=585861585008>. Acesso em: 12/09/2024.

FERNANDES, J.A. Ensino e aprendizagem da estatística. Conferência Plenária 3, Actas do XIXEIEM- Vila Real, 2009. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9368/1/2009a%20XIX%20EIEM.pdf>. Acesso em: 12/09/2024.

FERNANDES, T. M.; GOMES, A. S. diálogo entre diversidade, ensino e a lei 10.639/03: desafios contemporâneos e perspectivas com a BNCC. Disponível em https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO__EV174_MD1_ID10461_TB263_01082022194021.pdf. Acesso em: 12/08/2024.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2021. TRILHA educação antirracista debate e representatividade negra, 2021. Disponível em <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/orgaos-governamentais/secretaria-da-educacao/trilha-educacao-antirracista-debate-a-representatividade-negra/>. Acesso em: 12/09/2024.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2021a. Conviva SP – 1º Trilha Antirracista. Disponível em: <https://desantos.educacao.sp.gov.br/conviva-sp-1o-trilha-antirracista/>. Acesso em: 12/09/2024.

HERINGER, R. Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 57-65, 2002. Disponível em https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csp/v18s0/13793.pdf. Acesso em: 12/09/2024

MOREIRA, G.E. AIMEIDA, L.E.S. Como enfrentar o racismo em escolas públicas: conquistas e desafios. *Revista EDaPECI*, São Cristóvão (SE), v. 14. n. 2, p. 403-419, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/edapeci/article/view/1872/pdf>. Acesso em 12/09/2024.

NJERI, A. Educação afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência na MAAFA. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, n. 31, mai.-out. / 2019, pp. 4-17. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/28253>. Acesso em: 12/09/2024.

SENKEVICS, A.S. MACHADO, T.S. OLIVEIRA, A.S. A cor ou raça nas Estatísticas educacionais: uma análise dos instrumentos de pesquisa do Inep. *Séria documental, textos para discussão*, n. 41, 2016. Disponível em: <https://td.inep.gov.br/ojs3/index.php/td/article/view/3880>. Acesso em 12/09/2024.

SOLIGO, Valdecir. Indicadores: conceito e complexidade do mensurar em estudos de fenômenos sociais. *Est. Aval. Educ.* v. 23, n. 52, p. 12-25, 1995. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0103-68312012000200002&script=sci_abstract&tlng=en. Acesso em: 12/09/2024.

VALENTE, A.I. FARAH, E. Proposta metodológica de combate ao racismo nas escolas. *Cad. Pesqui.* n. 93, p. 40-50, 1995. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S010015741995000200005&script=sci_abstract&tlng=en. Acesso em: 12/09/2024.

VIANA, C.F. Por uma educação antirracista. *Gestão & educação*, v. 5, n. 7, set. 2022. Disponível em: <http://revista.faconnect.com.br/index.php/GeE/article/view/304/286>. Acesso em: 12/09/2024.